opusdei.org

Meditações: 22 de junho, São Tomás Moro

Reflexão para meditar no dia 22 de junho, Memória Litúrgica de S. Tomás Moro, mártir. Os temas propostos são: bom marido e pai de família; levar a luz do Evangelho a toda a parte; heroísmo construído no dia a dia.

- Bom marido e pai de família.
- Levar a luz do Evangelho a toda a parte.
- Heroísmo construído no dia a dia.

S. TOMÁS MORO nasceu em 1478 e morreu mártir em 1535. Foi professor de Direito e advogado de prestígio. Ocupou vários cargos públicos e, em 1529, foi nomeado "*Lord Chancellor*" do reino britânico. Conciliou esta carreira jurídica e política com o estudo das disciplinas humanistas, a ponto de ser considerado um dos homens mais eruditos do Renascimento. Escreveu muitas páginas num latim magnífico e outras tantas numa elegante prosa em inglês. Erasmo de Roterdão, outro dos humanistas mais célebres da época, tinha uma enorme admiração por ele: «A não ser que a grande amizade que tenho por ele me engane – escreveu –, não creio que a natureza tenha alguma vez formado um carácter mais hábil, mais talentoso, mais prudente, mais elegante (...). É o mais doce dos amigos, com quem gosto de misturar

a seriedade e o humor com satisfação»[1].

Tanto nos tribunais como na corte, não faltaram a Tomás Moro ocupações intensas e absorventes. No entanto, consciente da possibilidade de que as suas obrigações profissionais o tornassem um estranho na sua própria casa, foi sempre muito claro para ele que o mais importante era ser bom marido e bom pai. Assim o manifestava por carta à sua filha mais velha, durante uma viagem que o manteve longe de casa por algum tempo: «Garanto-te que, antes que os meus filhos e família se perdessem, por descuido meu, seria capaz de gastar toda a minha fortuna e dizer adeus aos meus negócios e ocupações, para me dedicar inteiramente a vós»[2].

Realmente, fez o seu melhor para garantir que a sua casa fosse simultaneamente um foco de

felicidade e uma pequena *escola familiar*, tanto o próprio Tomás como professores bem preparados ensinavam disciplinas humanísticas e científicas, além de doutrina cristã, às cinco raparigas e ao rapaz que ali viviam. Contudo, numa carta a um dos precetores, expõe a ordem de importância na educação: «O essencial deve ser para eles uma vida virtuosa. O estudo deve ocupar apenas o segundo lugar, por isso devem estudar as disciplinas que os levem a serem fiéis a Deus, a amar o próximo, a serem modestos e a ter humildade cristã quanto a si mesmos. Assim terão a graça de levar uma vida de boa reputação. Assim, não se assustarão com o pensamento da morte, pois os seus corações viverão cheios da verdadeira alegria»[3].

S. JOSEMARIA teve devoção a S. Tomás Moro. Em 1954, nomeou-o intercessor do Opus Dei para as relações com as autoridades civis. Durante as suas estadas na Grã-Bretanha, entre 1958 e 1962, foi com frequência rezar junto dos seus restos mortais, em Cantuária. E animou um dos seus filhos a escrever uma biografia sobre este santo inglês, que lhe parecia um excelente exemplo de santidade laical, conseguida, com a graça de Deus, no meio do mundo e no meio das encruzilhadas das mudanças culturais do seu tempo[4]. Porque são os fiéis leigos, os cristãos comuns, que são chamados a iluminar com a luz do Evangelho todos os espaços: a família, o ambiente em que trabalham, todas as áreas da sociedade civil e da cultura. «Pertence-lhes, em particular, dar testemunho de como a fé cristã (...) é a única resposta plenamente válida para os problemas e as esperanças

que a vida põe a cada pessoa e a cada sociedade. Isto será possível, se os fiéis leigos souberem ultrapassar em si mesmos a rotura entre o Evangelho e a vida, refazendo na sua atividade quotidiana – em família, no trabalho e na sociedade – a unidade de uma vida que no Evangelho encontra inspiração e força para se realizar em plenitude»[5].

S. Tomas Moro foi exemplar tanto no seu serviço à sociedade civil, como no seu contributo para alimentar a cultura do seu tempo. Também nós, os cristãos de hoje, trabalhamos para transformar o mundo, convencidos de que nos pertence, porque é a nossa casa, a nossa tarefa e a nossa pátria. «Sabendo que somos filhos de Deus, convocados por Ele, não nos podemos sentir estranhos na nossa própria casa, não podemos passar por esta vida como visitantes num lugar estranho, nem podemos caminhar pelas nossas ruas com o

medo de quem pisa território desconhecido. O mundo é nosso porque é do nosso Pai Deus. Estamos chamados a amar este mundo e não outro, em que pensamos que nos sentiríamos mais à vontade. É preciso amar as pessoas concretas, que estão à nossa volta, e nos desafios concretos que temos pela frente»[6].

TOMÁS MORO participava diariamente na Santa Missa. Aos domingos, cantava no coro da paróquia. Apesar da sua posição social, não ocupava um lugar de honra. Quando alguns nobres lhe fizeram notar que poderia desagradar ao rei o facto de o seu Chanceler do Reino não procurar ser tratado com maior deferência, ele respondeu, com grande subtileza: «Não é possível que eu desagrade ao

rei, meu senhor, prestando homenagem pública ao Senhor do meu rei»[7]. Amava de todo o coração o seu país e o seu rei. Mas amava a Deus acima de tudo. Por isso, quando chegou o momento trágico em que teve de escolher entre a fidelidade a Cristo e a submissão a uma lei que ia contra a sua consciência, S. Tomás Moro não teve dúvidas e dispôs-se a abraçar a vontade divina sem reservas, mesmo sabendo que estavam em jogo a sua posição, os seus bens e até a própria vida.

Esta resposta heroica numa situação extraordinária tinha, na realidade, sido forjada ao longo de muitos anos de heroísmo na vida quotidiana. Por exemplo, S. Tomás nunca decidia nada de importante sem antes, nesse mesmo dia, ter recebido o Senhor na Sagrada Comunhão; recorria à oração, com fé e insistência, em todas as suas necessidades pessoais e familiares; vivia as festas litúrgicas

com intensidade e recolhimento, era generoso e solícito com os amigos e interessava-se pelos pobres do seu bairro. Mas no que se referia a si próprio, era sóbrio e austero. Tudo isto lhe deu «a confiada fortaleza interior que o sustentou nas adversidades e perante a morte. A sua santidade resplandeceu no martírio, mas foi preparada por uma vida inteira de trabalho, ao serviço de Deus e do próximo»[8].

Também nós somos chamados por Deus a viver a nossa posição de cristãos no meio das situações mais comuns. Por vezes, encontraremos dificuldades no ambiente, ou mesmo com leis que ofendem a dignidade humana. Será então para nós a altura de sermos fiéis à voz de Deus que ecoa no mais íntimo da nossa consciência[9]: «Precisamente por causa do testemunho que S. Tomás Moro deu – até ao derramamento do sangue – do primado da verdade

sobre o poder, é que ele é venerado como exemplo imperecível de coerência moral. Mesmo fora da Igreja, sobretudo entre os que são chamados a guiar os destinos dos povos, a sua figura é vista como fonte de inspiração»[10].

---

[1] Antonio Sicari, *Ritratti di santi*, vol. 1, p. 40.

[2] Andrés Vázquez de Prada, *Sir Tomás Moro*, p. 180-181.

[3] Mariano Fazio, *Contracorriente… hacia la libertad*, pp. 15-16.

[4] cf. A. Hegarty, *St. Thomas More as Intercessor of Opus Dei*, in *Studia et Documenta*, n. 8 (2014), pp. 91-124 (ver versão digital).

[5] S. João Paulo II, *Christifideles laici*, 30/12/1988, n. 34.

[6] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelho*.

[7] Antonio Sicari, *Ritratti di santi*, vol. 1, p. 40.

[8] S. João Paulo II, *Carta Apostólica para a proc*lamação de S. Tomás Moro como padroeiro dos governantes e dos políticos, 31/10/2000, n. 4.

[9] cf. *Gaudium et Spes*, n. 16.

[10] S. João Paulo II, *Carta Apostólica para a proclamação de S. Tomás Moro como patrono dos governantes e dos políticos*, 31/10/2000, n. 1.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https://opusdei.org/pt-pt/meditation/meditacoes-22-de-junho-sao-tomas-moro/ (16/12/2025)